

**URL
persistente:**

URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/46198>

DOI:

DOI:https://doi.org/10.14195/0870-4147_35_20

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXXV

Homenagem a Sérgio Soares



COIMBRA 2001/2002
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

João Luís Cardoso - *Sítios, Pedras e Homens*, col. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*,
Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras, Câmara Municipal de Oeiras, 2000, 171 p.

Publicou a Câmara Municipal de Oeiras, em 2000, o livro *Sítios, Pedras e Homens*, da autoria do Doutor João Luís Cardoso, professor associado com agregação da Universidade Aberta.

Dedicado ao então presidente da autarquia, Isaltino de Morais - «que soube, melhor do que ninguém, reconhecer que, no conhecimento do Passado oeirense, melhor se realiza o Presente e se projecta o Futuro, do qual tem sido esclarecido obreiro» - abre o volume com um prefácio do arqueólogo Carlos Fabião, na altura vice-presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Nem sempre se dá aos prefácios a atenção que eles merecem. Na verdade, o prefácio constitui a primeira apreciação crítica da obra, ainda que, amiúde, os laços de companheirismo com o autor 'obriguem' a privilegiar o encómio; no entanto, sublinhe-se, se houve decisão de passar um texto a letra de forma, é porque mérito nele se reconhecia, independentemente de estarmos - ou não - em concordância com o que nele se perorou.

Por outro lado, o «prefaciador» aproveita o ensejo para dar sobre o assunto a sua opinião, em síntese, amadurecida. E este não é aspecto de somenos.

Há, evidentemente, os prefácios de ocasião, que se fazem... por fazer; há, porém, muitos outros densos de conteúdo e frequentemente esbeltos na forma. O prefácio de Carlos Fabião a esta obra de João Luís Cardoso pode integrar-se na série destes últimos.

Parte de uma interessante comparação com as *Antiguidades Monumentais do Algarve*, acentuando, nomeadamente, que, se o livro de Estácio da Veiga se apresenta como colectânea do que foi nascendo ao longo da sua investigação, aqui o objectivo é gizar balanço de trinta anos, destinado, de modo particular, a «estudantes dos anos

terminais do ensino secundário e do ensino superior» (p. 12). Ai encontrarão, explicita, o contraste entre informações antigas e modernas e um estudo de caso, o do castro de Leceia, explorado agora - e Carlos Fabião preconiza-o como preferente - em termos da chamada «arqueologia extensiva», a fim de melhor se captar que, de facto, ao contrário do que amiudadas vezes se defende, não há necessariamente uma relação directa «entre os fenómenos de intensificação económica e complexificação social das comunidades locais e o ‘esplendor’ ou ‘decadência’ da arquitectura» de um povoado em geral e do de Leceia em particular (p. 13).

Esta não-correlação ou verificação no âmbito de uma investigação de Pré-História merecerá, decerto, alguma reflexão por parte dos historiadores, pois a suponho fácil e seguramente aplicável a todos os períodos da História.

Constitui esta monografia o volume 9 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* (ISSN: 0872-6086), série que o Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras regularmente vem publicando. Tal circunstância merece de Carlos Fabião comentário: este «projecto editorial, com regular publicação de um periódico (...) que anima um movimento de intercâmbios nacionais e internacionais, envolvendo mais de uma centena de títulos» representa «uma componente fundamental da acção de qualquer estrutura técnica e científica»:

«Basta contabilizar o preço de capa de cada uma das publicações recebida por permuta, para verificar como o periódico se paga a si próprio. Num país como o nosso, tão carenciado de bibliotecas específicas, com actualização regular de fundos, só esta acção bastaria para fazer do CEACO um organismo de elevado interesse nacional» (p. 11).

Se destaco este aspecto é porque estou inteiramente de acordo com ele. Liderei, em tempos, um movimento visando obter da Assembleia da República parecer favorável a que o regime do «porte pago» fosse extensível às publicações científicas quando enviadas em permuta, com base precisamente nesse argumento: a sua rentabilidade financeira. O movimento surgiu na altura em que - numa visão meramente economista e tacaña - se deixou de privilegiar, a nível do porte postal, o envio de livros, revistas, impressos, mesmo por particulares, e se pôs termo, nesse âmbito, a uma salutar política cultural. O texto, então apresentado por Edite Estrela, do Grupo Parlamentar do PS, foi apreciado favoravelmente na generalidade, desceu à respectiva Comissão da especialidade e por lá se perdeu, porque entretanto as políticas mudaram e os interesses também.

Acho importante voltar a consciencializar os governos da Europa, preparando-se, nesse domínio da política cultural, uma directiva comunitária que a todos viria beneficiar.

Dir-se-á que a facilidade de acesso à informação ~~on-line torna~~ ^{on line torna} obsoleta tal pretensão; dir-se-á que a tendência cada vez mais generalizada para inserir em CD-ROM o conteúdo integral de livros e de revistas abrirá outros horizontes. É apenas meia verdade, pois

registra-se, em simultâneo, a necessidade de se sentir, palpar, manusear a ‘substância’ do papel e da informação mais perene nele contida.

A propósito da criação de «gabinetes arqueológicos activos e devidamente apetrechados» concretizada pela maioria dos municípios portugueses, aproveita Carlos Fabião a oportunidade para sublinhar que, hoje, não serão apenas os chamados «centros históricos» a carecer de redobrada atenção, numa desejável e «eficaz cooperação inter-municipal» (p. 14). E se, mesmo em relação aos «centros históricos» - dado que estamos a lidar não já com uma «arqueologia urbana» mas com «uma arqueologia em áreas amplamente urbanizadas» - lhe parece «imprescindível assumir uma nova atitude», também urge que «se acompanhe com idêntica atenção toda a sua antiga envolvente», uma vez que, hoje em dia, se perdeu já - felizmente!... - uma visão atomizada e se privilegiam «as paisagens antropizadas como elementos centrais de estudo» no seu conjunto.

O caso de Oeiras será, neste aspecto, paradigmático e exemplar. Isaltino de Moraes cedo compreendeu, clarividente, o alcance desta investigação e lhe deu guarida plena, não lhe regateando apoios (João Luís Cardoso salienta-o expressamente na Apresentação, em preito de homenagem). A obra em apreço é disso, aliás, um testemunho invulgar.

Perspectiva a capa, pelo seu aliciente grafismo, um livro de prestígio, bonito e agradável de ler. O título *Sítios, Pedras e Homens* representa, por seu turno, sintomática trilogia, a dar conta de que as pedras e os sítios só ganham sentido porque homens as utilizaram e as gentes os escolheram para morada. Não se descortinam os homens na capa, mas o ídolo cilíndrico, a bilha cinzenta de mil fragmentos refeita, o pedaço de mosaico romano... são o sinal vivo de que por ali passou quem viveu, amou e saboreou as delícias do quotidiano, tal como as aves do mosaico serenamente debicam as flores do seu alimento.

Pelo índice se tem - como era de esperar - o panorama das 171 páginas do volume propriamente dito: o quadro físico, desde as eras geológicas à íntima ligação com o Tejo e, por ele, com o Atlântico, e ao estabelecimento da população em função dos recursos disponíveis (p. 21-31); o que se sabe acerca do primeiro período da existência do Homem na Terra, o Paleolítico, nas suas subdivisões (Inferior Arcaico, Inferior e Médio, Superior)... Enfim, tudo por ali perpassa em síntese até ao período alto-medieval.

Atendendo ao público a que primordialmente se destina - «àqueles que, possuidores de um nível de ensino médio ou superior, pretendam aumentar os seus conhecimentos da região onde nasceram ou que escolheram para viver, em particular os alunos do final do Ensino Secundário e do Ensino Superior» - o Autor soube usar duma linguagem acessível, «servida por documentação iconográfica de qualidade». Na verdade, mesmo

para quem apenas tiver na ideia folhear, não deixará de reparar nas bonitas fotos, em que, bastas vezes, a vertente estético-artística desempenhou papel preponderante e alicia à leitura:

- o peixe baptizado por Veiga Ferreira de *Pycnodus Laveirensis*, de cujo esqueleto fóssil, identificado nas antigas pedreiras de Laveiras se dá sugestiva imagem na Fig. 2 (p. 23);

- o seixo de quartzito, datável do Paleolítico Inferior Arcaico, em expressiva foto colorida (Fig. 7, p. 33);

- os aglomerados de pedras a ganharem formas de estruturas compreensíveis de fundos de cabana do Calcolítico Pleno (Fig. 57, p. 103), por exemplo, como este ano [2002] tivemos a sorte de identificar também em Cascais junto à *villa* romana de Freiria (cf. *Jornal da Costa do Sol* 22-8-2002, p. 8); de muros ou de pavimentos habilmente #postos a nu (Fig. 111, p. 156 e Fig. 112, p. 157);

- a beleza singular das pontas de seta, de sílex (Fig. 69, p. 112);

- o inusitado fragmento de cincho (Fig. 76, p. 115), a dar conta de que, já no Calcolítico Pleno, se preparavam produtos lácteos, nomeadamente o queijo;

- a surpresa de ali se haverem encontrado alfinetes de cabelo, de osso e quiçá de marfim, tendo «afinidades formais com homólogos do período pré-dinástico egípcio» (Fig. 83, p. 119);

- o osso, provavelmente de ganso patola, de que se não hesitou em fazer flauta sonora (Fig. 88, p. 123);

- a modernidade plástica bem patente naquela primeira falange de cavalo que o génio humano transformou, já no Calcolítico, em eloquente divindade feminina estilizada, antecipando-se a quanto escultor nosso contemporâneo minimalista (Fig. 94, p. 128).

Uma que outra gralha tipográfica poderia ter sido evitada, ainda que facilmente corrigível pelo leitor atento: viemos por vivemos (p. 10, 3º §); repetição da palavra obra (p. 12,1.1); falta do de na última linha da p. 169; procer em vez de proceder na p. 171 (1. 5); apóstrofes quase sempre grafados como acentos agudos, mormente na reprodução de vocábulos franceses...

E se, como epigrafista, particularmente me interessou o que se escreveu sobre, por exemplo, a magnífica placa de mausoléu do porta-estandarte romano *Flavius Quadratus* (cf. o texto que acabo de publicar sobre ela na revista *Aquila Legionis* 2, 2002, p. 19-32); como historiador da evolução do território, fotos como a da Fig. 105 (apesar de não datada) são motivo de excelente reflexão (e João Luís Cardoso apresenta diversa documentação fotográfica de inícios do séc. XX, o que muito é de aplaudir); se, na sequência das observações que tenho feito sobre o *aurífer Tagus*, designação clássica a

denunciar uma interessante exploração de ouro de aluvião em todo o percurso do rio Tejo, me encantou saber que, segundo o testemunho do Barão de Eschwege, datado da primeira metade do séc. XIX, em S. Julião da Barra, «o ouro de aluvião era intensamente explorado, conhecendo-se mesmo as quantidades obtidas» (p. 150) - não poderei deixar passar em claro a síntese com que João Luís Cardoso termina o capítulo «A eclosão das cerâmicas campaniformes» (p. 141-142), já porque desse período - dito «do campaniforme» - se estão a conhecer cada vez mais novos contornos com a descoberta dos respectivos povoados, quando, até há pouco, a principal fonte para o seu conhecimento eram as necrópoles (Alapraia, S. Pedro do Estoril, Palmeia...); já porque a interpretação dada pelo Autor vai na linha do que hoje preconizamos: interessa o artefacto (ou o «arqueofacto», se se preferir), mas interessa sobretudo o Homem que o fabricou.

Gostaria, no entanto, que a linguagem utilizada por João Luís Cardoso tivesse sido, aqui, menos 'hermética' para o leitor comum, não só na terminologia como no entrecho (o primeiro período tem dez linhas, o último oito...). Talvez, no entanto, eu o saiba agora sintetizar e realçar a «matéria para meditar» que nele se contém. É que João Luís Cardoso salienta o importante papel desempenhado pela «faixa ribeirinha do Tejo» e, «de forma mais geral», por «toda a Baixa Estremadura» na ocorrência da passagem «de uma sociedade igualitária, vigente no Neolítico, para outra, já estratificada socialmente, como a da Idade do Bronze» (p. 141). Manifestam-se, em Leceia, «características proto-urbanas»; a sua comunidade começa dinamicamente a diferenciar-se; os seus habitantes - como se observa pela recolha, aí, de artefactos provenientes do mundo mediterrânico - estão francamente abertos ao exterior. Ou seja, se os povoados fortificados calcolíticos foram quase generalizadamente abandonados em meados do III milénio a. C., isso não é, em si mesmo, um sintoma de decadência mas o indício claro de que as novas circunstâncias determinaram vidas novas em torno doutro modelo de desenvolvimento. Esse dinamismo - ou, se se preferir, esse mecanismo de estímulo-resposta- que, continuamente, o Homem estabelece com o Ambiente constitui, afinal, o que poderemos designar por «cultura», pois nele se empenha o Homem na sua totalidade e tudo daí é uma resultante.

Definitivamente arredada de um «mundo» restrito e restritivo em que aos materiais e suas tipologias se atribuía papel primordial - de tal modo que os «horizontes» temporais pré-históricos se identificavam por um «fóssil indicador» - a Arqueologia, hoje, assume-se como ciência do Homem em plenitude. As técnicas evoluíram (ou não); sempre foram, porém, as frases-chave do diálogo do Homem com o seu Ambiente. E esta obra de síntese e de prestígio também por isso merece o nosso aplauso.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO